

Estilo de vida e atuação política de jovens do hip-hop em Sergipe

Frank Marcon¹

Florival de Souza Filho²

Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: Neste artigo pretendemos analisar as relações existentes entre as formas de expressão cultural da juventude ligada ao hip-hop e a atuação política de alguns deles na articulação coletiva das chamadas *posses*. Percebemos que é relativamente recente a participação política de jovens ligados a este tipo de movimento cultural no cenário político e estamos interessados em compreender: como isto acontece? Quem são estes protagonistas? Quais as formas e as prioridades desta articulação? Bem como, procuramos demonstrar como algumas expressões culturais juvenis estão se tornando uma característica do protagonismo das juventudes no cenário contemporâneo no Brasil. Realizamos a pesquisa privilegiando a observação participante junto a alguns coletivos de hip-hop, assim como gravando entrevistas com alguns dos jovens de *posses* envolvidas com partidos políticos.

PALAVRAS-CHAVE: Juventudes, hip-hop, política, expressões culturais, *posse*.

Introdução

A noção de *posse* no hip-hop refere-se a um movimento formado por várias pessoas e grupos envolvidos com a cultura hip-hop, articulados por uma associação formal ou informal, marcadas por princípios comuns,

por realização de reuniões, eventos e atividades coordenadas e coletivas. Em Aracaju, existem duas *posses* atuantes na cena hip-hop e que reúnem jovens praticantes do grafite, do rap e da dança de rua. Nosso objetivo neste artigo é analisar as manifestações discursivas e as práticas políticas dos representantes das duas *posses*, quando eles atuam em nome delas, em suas formas de articulações locais ou fora dos seus territórios de atuação cotidiana.

Este modelo de organização surgiu nos subúrbios nova-iorquinos, nos anos 1970, segundo Hebdige (1987), como modo de atuação estruturado e coletivo, congregando jovens de um dado bairro ou espaço territorial da cidade, a partir de diferentes formas de expressão estética do hip-hop, que miravam resultados produtivos positivos junto ao seu local de convívio e residência. De lá para cá, apesar dos diferentes contextos nacionais e regionais em que se desenvolveram tais expressões, a noção de *posse* se tornou uma referência fundamental do sentido coletivo e político do estilo.

Em Aracaju, e várias outras cidades de Sergipe, o hip-hop esteve e está presente como expressão cultural, através da manifestação do rap, do grafite e da dança de rua. Em bairros da Zona Norte e da Zona Oeste da cidade podemos observar a presença de muitos jovens identificados com a produção e o consumo das sonoridades e das plasticidades do hip-hop, como é comum em vários outros contextos por onde se espalharam o estilo, suas formas de consumo e produção cultural, mas que não estão necessariamente implicadas por qualquer forma de organização coletiva de atuação, numa perspectiva mais descomprometida e hedonista. Por outro lado, a *posse* representa a articulação entre a atuação estética e a organização política de um grupo de artistas e ativistas do rap, do grafite e da dança de rua mediados fortemente pela ideia que eles fazem da relação entre movimento cultural e consciência política, bem como na forma com que tal referência é mobilizada. Neste caso, a questão aqui é

compreendermos como os jovens atuam nas *posses*, em Sergipe; de que modo eles constroem um sentido de atuação cultural e política; como as *posses* e seus atores estão envolvidos com a política local; e como tais fatores estão implicados pelo envolvimento de jovens com o hip-hop.

Antes, porém, é importante dizermos que entendemos o hip-hop como um movimento cultural contemporâneo; como um estilo de vida³ que comporta a produção, o consumo e a circulação de expressões culturais de rua, como: a música, a dança, a expressão plástica e, em alguns contextos, a atuação pedagógica e política (Hebdige, 1987). Originário dos subúrbios de população negra dos Estados Unidos (Bronx, Harlem, Brooklyn), influenciado pelo movimento dos direitos civis da década de 1960 e, posteriormente, nos anos 1970, por estilos musicais como: o soul, o jazz, e o funk (Costa e Menezes, 2007, p. 201), o hip-hop manteve tais referências de base, embora adquirindo particularidades mundo afora. Basicamente, o que se manteve como característica universal do hip-hop foi o estilo: da música caracterizada pelo verso e pela construção de sonoridades eletrônicas; da pintura, pela expressão simbólica em paredes e muros de ambientes abertos e públicos; e da dança pela expressão corporal e pelo desafio de habilidades entre grupos no espaço da rua, criando-se em torno destas práticas uma ética e uma estética próprias de atuação cotidiana.

No Brasil, o hip-hop tornou-se, primeiro, uma referência de consumo através da produção comercial da música e da dança e só mais tarde do consumo das ideias e dos valores de entendimento do hip-hop como expressão de um “movimento” ou de uma “cultura” diferenciada entre a juventude⁴. Neste sentido, tornou-se, em alguns casos, também uma proposta articulada de reivindicação política coletiva, com uma percepção orgânica de movimento por direitos e por entendimentos de cidadania entre grupos de jovens da periferia⁵. No entanto, nos anos 1990, o hip-hop foi associado também à marginalidade, principalmente por

meio dos veículos de informação formadores de opinião. Alguns estudos (Abramovay *et alli*, 2002; Herschmann, 2005;) demonstram como (mesmo presente na lógica do mercado da indústria cultural de larga escala) a música, a dança e o grafite ganharam caráter comercial, mas também como (ao mesmo tempo) as reuniões, o estilo de vida e as atividades do hip-hop foram, muitas vezes, vistos com preocupação e receio pelo Estado, pela imprensa e pelo senso-comum. Herschmann (2005) trata do assunto apontando para os paradoxos entre a visibilidade conquistada pelo hip-hop no mercado cultural e a marginalidade com que o movimento foi tratado pela mídia e pelo poder público, que associaram as expressões do rap, do grafite e do *break* à ideia de revolta inconsequente e de violência despropositada por parte dos jovens de periferia.

De qualquer modo, a politização em torno do hip-hop foi se constituindo como característica do seu surgimento como fenômeno cultural de largo alcance, como ressalta Hebdige (1987). As diferentes formas locais com as quais os jovens vivenciam algum tipo de envolvimento com o estilo é o que nos permite pensarmos sobre os significados cotidianos e dinâmicos do estilo, ao contrário dos seus significados mais uniformes e generalistas. Tais significados podem refletir valores acionados por questões de classe, gênero e etnia, mas por sua vez também podem estar cobertos por outra série de questões, como a disputa por acesso e a utilização de espaços urbanos locais, produção e recursos para ouvir, desenhar e dançar. O mundo cultural do hip-hop está intrinsecamente relacionado com um mundo de produção e de conflito, de ambição e de vontade que não pode ser facilmente explicado através de qualquer modelo analítico homogêneo.

Em alguma medida é necessário considerarmos que a agência cultural no hip-hop, como destaca Andy Bennet (2008), está constantemente sendo feita e refeita por agentes sociais, em resposta às circunstâncias e contingências decorrentes do processo de suas vidas cotidianas e dos

fluxos de como ela é experimentada em situações microssociais (Bennet, 2008, p. 430). Ações cujos sentidos são subjetivamente visados (Weber, 2004) e circunstancialmente vividos. Tais formas de atuação são múltiplas, mais ou menos estruturadas e politizadas a partir de diferentes e, às vezes, disputadas e contraditórias experiências de socialização. De suas práticas surgem grupos e redes de articulação, assim como, exibem-se tensões e diferenças entre elas, como propomos analisar as experiências das duas *posses* em Sergipe.

Jovens e o hip-hop: estilo de vida e atuação política

Como afirma Abramo (1997), desde os anos 1930, os jovens estiveram atuantes em diferentes momentos das transformações políticas no Brasil, mesmo com mudanças sensíveis no comportamento de geração a geração. Direta ou indiretamente, eles também estiveram envolvidos na militância dos processos eleitorais das últimas décadas. Talvez seja difícil qualificarmos a atuação de grupos representantes dessas juventudes em termos de organização política, mas cabe assinalar que a atuação dos movimentos estudantis secundaristas e universitários, e as diferentes organizações da juventude no âmbito dos partidos políticos não são as únicas formas de organização nesse sentido. Bem como é preciso considerar que atuação política e a articulação com os processos eleitorais ultrapassam, muitas vezes, os partidos e a política formal.

No hip-hop, a militância político-social tem como um de seus focos a ênfase no sentimento de pertença à periferia, ao território de exclusão, de violência e de marginalização juvenil, atribuindo-se a responsabilidade por este quadro à sociedade civil e ao Estado. Tal modelo discursivo está presente no modo com o qual esses jovens dão sentido às suas práticas, organizam-se e falam de si. Desta forma, o rap e o grafite são

considerados pelos *rappers* como formas de expressão que denunciam e contestam a ordem social, dando sentido a sua existência e ao que consideram seu modo de ser. Muitas vezes, os temas das músicas e das pinturas são representações das trajetórias pessoais de vida dos artistas ou do que eles veem e vivem no dia a dia. Num dado sentido, tal postura de manifestação reforça a própria ideia de que a atuação política já está implícita no conteúdo e na forma estética pelas quais esses jovens se manifestam. Estamos falando de modelos de atuação que pretendem ser multiplicadores de uma forma de expressão e comportamento entre jovens da periferia, entendidos por eles como estratégia transformadora de suas próprias realidades.

Andrade (1999) destaca que a *posse* é uma forma de organização que exerce uma ação pedagógica por meio das atividades do hip-hop. Tais ações são “instrumentos utilizados pelos jovens para pleitear direitos, atingir objetivos e intervir nas relações sociais” (Andrade, 1999, p. 89). Citando o exemplo da *posse* que estudara em São Paulo, diz que a mesma “procurava defender a identidade do grupo, o que significava definir a ação pedagógica do movimento. Essa ação era representada pelas práticas artísticas do hip-hop” (Andrade, 1999, p. 89). O argumento da autora é que tais práticas artísticas são os próprios materiais didáticos da *posse*. Suas músicas e suas pinturas, sua oralidade e sua estética têm como proposta uma intervenção pedagógica, entendida como estratégia de ampliação e fortalecimentos da participação e do compromisso de outros jovens. Tal formato de organização se ampliou, no Brasil, marcadamente a partir dos anos 1990. Em muitos casos, ultrapassou as esferas da atuação local e da produção artística, quando iniciou aproximações com outras instituições e organizações políticas e sociais.

A posse tem como objetivo desenvolver atividades artísticas entre os membros do próprio grupo, com ensaios nas reuniões semanais ou quinzenais;

agendamento de apresentações musicais ou palestras em escolas e organizações não governamentais. [...] Algumas procuram articular-se com partidos políticos, participando de debates, ou entidades do movimento negro, com os quais buscam integração para obtenção de informações que envolvem a temática negra (Andrade, 1999, p. 89).

Tais envolvimento são justificados pelos envolvidos pela ideia de politização de outros adolescentes e jovens por meio de atividades denominadas de encontros, cursos ou oficinas de música, de dança, de grafite e de cidadania, geralmente realizadas nas escolas e nos bairros empobrecidos. Os próprios dançarinos, DJs, grafiteiros e *rappers* se tornam instrutores multiplicadores das técnicas artísticas do hip-hop, bem como expressam suas mensagens e formas de percepção da vida cotidiana. Por meio de atividades lúdico-pedagógicas, eles próprios se veem como protagonistas das ações que definem como estratégias de melhorias de vida para si mesmos e para suas comunidades. Sendo assim, a *posse* é entendida como uma forma de organização coletiva que parece dar coerência e articulação aos modos de pensar, de agir e de ser desses jovens. Seja o hip-hop entendido como “cultura” ou como “movimento”, em ambos os casos a ideia remete a uma ampla forma de expressão artística e de comunicação compartilhada por eles em um universo social bem mais amplo que o seu próprio local de convívio (nos bairros), assim como remete a ideia de uma atuação social compartilhada e justificada como uma atuação consciente.

Como diz um de nossos entrevistados, Mano Sinho, referindo-se a uma das formas de envolvimento e ao mesmo tempo de definição de regras adotadas pela *posse* Aliados Pelo Verso (ALPV), para envolver os jovens naquilo que idealizam como uma atividade cultural e politicamente consciente: “a regra para participar das atividades desenvolvidas pela *posse* ALPV, é o não uso de substância entorpecente, *lícita ou ilí-*

cita” (Mano Sinho, 29 mar. 2011). Neste caso, a *posse* define critérios específicos para a participação dos jovens a partir de um modelo ideal de comportamento, por oposição a outro que é negado e associado à falta de consciência e a criminalidade. Na fala de Mano Sinho (29 mar. 2011), ele enfatiza que o oposto a ideia de participação consciente é ouvir o rap, praticar o grafite ou o *break* de forma descomprometida, sem um exercício pela mudança de atitude com sua própria realidade ou a realidade da sua comunidade.

Os jovens ligados a uma *posse* se aproximam estrategicamente de escolas, de organizações não governamentais, de movimentos sociais e de partidos políticos, procurando não apenas a ampliação de suas possibilidades de atuação e novos recursos de ativação política, mas também o reconhecimento e a legitimidade pública de suas ações, como narram alguns de nossos entrevistados. Marcar uma posição conceitual sobre comportamentos sociais ligados à criminalidade, por exemplo, possibilita certa legitimidade social e certa legalidade à *posse*, enquanto organização cultural e política. Ao mesmo tempo, no âmbito local, essa referência de oposição às drogas pode demarcar estrategicamente uma alternativa aos jovens da periferia, que é acionada em torno da ocupação do tempo livre com atividades de lazer e cultura, como estratégia para se afastarem das possibilidades de envolvimento com ações consideradas ilegais ou criminosas.

Em diferentes estudos sobre o tema, a cultura hip-hop vem sendo definida, tanto por seus atores sociais quanto por estudiosos, pela composição de quatro elementos ou atividades presentes num mesmo universo de expressão: a do Disk Jôquei (DJ), a do Mestre de Cerimônia (MC), a da Dança de Rua (o *breakdance*) e a do Grafite (Hebdige, 1987; Andrade, 1999; Stoppa, E., 2005; Felix J. 2005)⁶. Mano Sinho, da *posse* Aliados Pelo Verso, destaca, por sua própria iniciativa, a existência de um outro elemento que seria definido no meio hip-hop, como: o “conhecimento”

ou a “informação”⁷. É necessário ressaltar que, independente do reconhecimento deste último como “elemento do hip-hop”, o acesso à informação de caráter local ou universal e a produção de conhecimento, a partir de suas próprias referências, estão presentes na própria noção de articulação entre os quatro elementos anteriores, como afirmam outros entrevistados.

O desenvolvimento do hip-hop está intimamente associado à criação estética e performática dos jovens da periferia, também relacionada às suas histórias de vida, dos seus familiares e de seus amigos. Estas vivências, mesmo distintas, aparecem expostas no universo da cultura de rua por meio das pinturas nas paredes da cidade, das narrativas e das sonoridades do rap, das plasticidades das danças de rua, assim como, em alguns casos, elas surgem por meio da reivindicação e da mobilização organizadas. Quando este tipo de atuação ocorre, a *posse* é, muitas vezes, o meio pelo qual se articula uma ação político-cultural mais sistemática, com objetivos definidos, buscando demonstrar que a mobilização que esses jovens das periferias empreendem é uma força que pretendem ser transformadora para as comunidades em que vivem. Tais formas de atuação e os discursos sobre o seu teor político são valorizados pelas duas *posses* que estudamos.

A noção de “consciência” e de “participação política” é manifesta, por exemplo, pelo argumento dos membros da ALPV. Ao questionarmos Mano Junior, sobre seu estilo de música, o rap, este nos relatou o seguinte:

Meu estilo é mais de denuncia, informação. A gente não fala só de sangue, só de vingança, só de guerra nós falamos também de solução, nós não trazemos só briga nem treta, nós trazemos a solução, nós tentamos passar as informações que nossa comunidade não tem condições nem tiveram oportunidade de se informar ou saber dos seus direitos. E na nossa música, nós tentamos informar, nós somos um rap informante. Os jovens

da nossa comunidade, pelo menos onde a gente *veve* (sic), ali no bairro Coqueiral, Porto Dantas, aquela redondeza ali, eles são uns jovens carentes de informação eles não sabem os direitos que eles têm, eles são pessoas assim... Muitos deles até vão pra escola porque não têm pra onde ir e lá (a escola) é um *point*. Não existe nenhum local de lazer e eles não sabem reivindicar, tem lá uma área extensa um terreno baldio ao pé do morro, que tão pretendendo fazer o quê? Mais barraco, mais casa. Quer dizer, o bairro vai ficar só barraco, só casa, e quer dizer não vai ter uma praça, não vai ter uma área de lazer pros jovens. Isso é uma falta de informação (Mano Junior, 14 abr. 2011).

O depoimento acima coloca as noções de “conhecimento” e de “informação” como vetores do processo de transformação da realidade dos adolescentes e jovens moradores das comunidades onde o hip-hop está presente. No referido caso de Aracaju, as comunidades periféricas que compõem o cinturão de bairros na Zona Norte e Oeste, que circunda o Centro da cidade, vivem em conflito com o poder público municipal pela incapacidade deste em suprir as suas expectativas e necessidades básicas, como: educação, saúde, saneamento e espaços de entretenimento.

Mano Junior enfatiza que é possível mudar essa realidade através do hip-hop, desde que ocorra o envolvimento e a atuação consciente dos jovens na reivindicação de suas prioridades. O lazer, através do envolvimento com a cultura hip-hop, parece ser uma destas prioridades, para os membros da ALPV: “não tem lazer, não tem praça, não tem campo, aí o espaço era o da escola, onde a gente se reunia pra cantar rap e ali ficava o dia todo, longe das coisas ruins” (Mano Junior, 14 abr. 2011).

A noção de pertencimento à periferia, por parte desses jovens, se dá pela ideia de existência de laços de solidariedade e sentidos de comunidade entre eles, por se reconhecerem como envolvidos num mesmo processo de exclusão que inclui seus familiares, seus vizinhos e sua ge-

ração de convívio social na rua ou na escola, podendo estar vinculado a um lugar territorial de convívio e atuação mais ou menos demarcado. Deste modo, há um reclamo dessa juventude por políticas públicas que supram suas expectativas, como é expresso através dos discursos ou das plasticidades do hip-hop. O que eles fazem, ao mesmo tempo em nome de certas particularidades vivenciadas localmente e de certos contornos mais universais que enfatizam sentidos imaginados de continuidades com a história e a proposta cultural e política originária dos subúrbios norte-americanos.

O MC Hot Black, da *posse* Família Ativista, enfatiza seu estudo sobre a história do hip-hop e o vínculo à proposta originária de arte de rua e intervenção, fazendo referência ao que considera as primeiras manifestações do estilo ocorridas no Bronx, em Nova Iorque, para também dizer, assim como os membros da ALPV, que é fundamental a busca pela informação. Defende a noção de que a consciência e a produção do conhecimento podem ser produzidas através das formas de expressão do estilo, mas também pela necessária atuação coletiva e pela politização dos envolvidos e de suas ações. Além dos vários eventos realizados pela Família Ativista, em mais de dez anos de sua criação, Hot Black destaca a articulação desta num plano nacional, articulada a outros coletivos.

Apesar de muitas semelhanças, e de fazerem parte de um contexto que nos permite entender a *posse* como uma forma de organização política e cultural, nos dois casos os envolvidos têm trajetórias, entendimentos e experiências distintas, que merecem análises mais detidas sobre suas formas de articulação e atuação. Em ambas, alguns de seus participantes têm envolvimento com outros movimentos sociais e com a política partidária, bem como suas formas de atuação e expressão cultural carregam peculiaridades nas estratégias de acesso aos espaços, à mídia, à promoção de eventos, entre outros recursos materiais e simbólicos de visibilidade e de participação política.

Aliados pelo verso: eventos e mobilização política

A ALPV é uma *posse*⁸ formada por jovens da periferia de Aracaju, mais precisamente do Bairro Industrial e arredores. Segundo alguns dos seus membros, antes de a constituírem, seus principais articuladores já conheciam ou atuavam no hip-hop desde meados dos anos 1990. Para Mano André (14 abr. 2011), a “ALPV foi criada no final de 2001”, por meio da articulação de alguns grupos de rap. Atualmente, alguns deles são: La Femina, Resistência Negra, Vozes do Beco, Ato Ofensor e Verso Letal, este último grupo considerado por Mano André e Mano Sinho como um dos principais fundadores da *posse* por meio do integrante Mago. Segundo eles, a ALPV surgiu a partir do objetivo de juntar esforços numa organização de jovens ligados ao hip-hop com o desejo de melhorar a comunidade em que viviam.

Segundo os entrevistados, a ALPV veio para ampliar a discussão sobre o que consideram os elementos do hip-hop⁹ e desenvolver projetos que dessem novas perspectivas aos adolescentes e jovens da periferia, ampliando suas propostas para outras áreas da cidade.

Os membros da *posse* se definem como:

[...] jovens de periferia sem qualificação pedagógica mais com força de vontade e disposição para alcançar objetivos de transformação pessoal e coletiva no dia-a-dia de cada um dos envolvidos, com isso nos tornamos atores políticos anônimos em busca de mudança, somos jovens que queremos uma participação mais direta dos jovens nas decisões políticas, sociais e comunitárias, somos ativistas sociais, somos jovens que tentamos dar sentido às nossas vidas através do movimento e da cultura hip-hop, buscando a igualdade social e racial, com isso nos tornamos um coletivo que acredita no hip-hop como um movimento de transformação e reeducação, tornando-se a resistência político-sócio-cultural da nossa comunidade. (Estatuto da ALPV)

Os argumentos do estatuto nos colocam diante de um entendimento de identificação coletiva que associa características geracionais, sociais e étnicas específicas. Percebemos, ainda, que a compreensão sobre a participação política desses jovens é manifesta pela ideia de que inseridos num movimento cultural como o hip-hop seja possível reivindicar uma postura de protesto, de atuação social, de transformação de suas realidades e de questionamentos sobre a ordem vigente. Além disto, ressaltam a sua função multiplicadora e a ideia de que por meio do hip-hop suas vidas ganham sentido.

Alguns estudiosos (Andrade, 1999; Abromovay, M. 2002; Stoppa, E., 2005; Felix, 2005; Herschmann, 2005) têm demonstrado que a mobilização em torno da cultura hip-hop, no Brasil, se caracteriza pela qualificação dos seus atores sociais, como: jovens, negros e da periferia (levando em consideração a flexibilidade conceitual de tais termos). Segundo os membros da ALPV, sobre o início do “movimento”, foi com o passar dos anos e o desenvolvimento de suas atividades que outros municípios da região metropolitana passaram também a contar com a presença mais ativa da ALPV nos bairros periféricos. Para os integrantes, o projeto Hip-Hop Cultura de Rua, iniciado em 2002, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alcebíades Vilas Boas, situada no bairro Industrial, tornou-se o evento marcante desta ampliação de atuação, atraindo pessoas de diferentes bairros das cidades do entorno de Aracaju.

Mano Sinho, que atualmente preside a ALPV, diz que o projeto Hip-Hop Cultura de Rua era desenvolvido nos finais de semana e tinha como objetivo ser um elo entre a comunidade e a escola, tornando-se uma opção de lazer e cultura para adolescentes e jovens. Ainda assim, alega que as dificuldades para a realização do projeto sempre foram imensas, devido à falta de infraestrutura e pelo motivo de sua coordenação ser composta por um grupo de “jovens”, moradores da “periferia”, “negros” e “desempregados”. Categorias contra as quais, segundo ele, pairavam

inúmeros preconceitos por parte dos representantes da administração pública e da sociedade de modo geral (Mano Sinho, 14 abr. 2011).

No entanto, esses mesmos jovens eram os oficineiros e palestrantes voluntários que se deslocavam de outras comunidades [bairros] para dar uma nova opção de lazer, cultura, ressocialização e transformação social para outros jovens. Sofríamos muito com a falta de transporte para a sonorização que era feita em carroças, carro de mão, táxi e até na cabeça, já que [a sonorização] era cedida por Joel, Mc do grupo Vozes do Beco e um dos fundadores da ALPV. (Mano Sinho, 14 abr. 2011)

Por dificuldades relacionadas à infraestrutura, em 2003, a ALPV passou a exercer algumas de suas atividades em outra escola, Escola Estadual Presidente Castelo Branco, localizada no Bairro Industrial. Segundo Mano Sinho, a metodologia de trabalho da *posse* continuou sendo a realização de oficinas relacionadas às expressões artísticas do hip-hop, mais as atividades envolvendo informação e politização, buscando também atrair jovens de outros municípios com o objetivo de estabelecer um intercâmbio cultural que fortalecesse a interiorização das propostas da ALPV para outras cidades de Sergipe.

Segundo outros membros da *posse*, ao mesmo tempo em que eles se organizavam e realizavam o Hip-Hop Cultura de Rua, passaram a desafiar a lógica dos “grupos criminosos” em seus bairros, definindo como regra para participação nas atividades desenvolvidas o não envolvimento de seus membros com as drogas. Em seus discursos, a *posse* associava o consumo de substâncias entorpecentes ao “sistema capitalista”, por conta do tráfico e do uso de “armas com grande poder de destruição dos próprios jovens” (Mano Sinho, 14 abr. 2011). Tal ação deu mais visibilidade às atividades da *posse*, atraindo muitos jovens da escola e de fora dela, ao mesmo tempo em que foi ganhando a confiança de alguns

moradores e professores da comunidade. Os membros da ALPV destacam tais aspectos como estratégias que viabilizaram o seu fortalecimento enquanto coletivo, principalmente pelo argumento de que apresentaram uma alternativa de vida às crianças e aos jovens, longe do tráfico e da criminalidade.

Promovendo encontros de grafiteiros; ensaios de músicos de rap; palestras e apresentações sobre a relação entre hip-hop e cidadania, os membros da ALPV dizem ter fortalecido suas atividades, ocupando o que era considerado como tempo livre dos jovens da escola, do bairro e das regiões mais longínquas, através da divulgação de suas atividades em meio aos praticantes, produtores e consumidores do hip-hop de outras áreas da cidade e do Estado. Segundo Mano Sinho (14 abr. 2011), a *posse* começou a ganhar maior sustentação e visibilidade local a partir do momento em que adquiriram a confiança do diretor da Escola Estadual Presidente Castelo Branco, no ano de 2004, que passou a contribuir com a alimentação dos envolvidos, cedendo também a cozinha da escola e os utensílios alimentares para os encontros. Os jovens participantes do projeto podiam, então, almoçar e ficar no espaço escolar em tempo integral nos finais de semana, o que significava um preenchimento ainda maior do tempo livre e o envolvimento mais intenso com o projeto.

Mais tarde, no ano de 2006, além das atividades corriqueiras, a *posse* realizou o *I Encontro RAP*, na quadra da Escola Castelo Branco. Nas palavras de Mano Sinho,

Superamos muitas barreiras e por conta de ser um ano político, sofremos um pouco, mas conseguimos um palco com a Prefeitura por intervenção [política] da deputada Conceição Vieira. Mas, a escola e o projeto eram gerenciados pelo Governo do Estado, que era oposição à deputada. Barraram o palco por duas vezes, mas mesmo assim, improvisamos como sempre com alguns tabletes que se localizavam no CAIC. Juntamos as traves da

quadra e cobrimos com uma lona. A atividade foi um sucesso, finalizamos o ano, [mas] fomos praticamente forçados a parar as atividades por falta de incentivo e estrutura. (Mano Sinho, 14 abr. 2011).

Sempre ressaltando a escassez dos auxílios, os poucos apoiadores institucionais e a necessidade da atuação engajada para superar dificuldades, Mano Sinho elabora seus argumentos sobre as atividades da ALPV, procurando demonstrar que os espaços de visibilidade foram sendo ocupados lentamente e com persistência, principalmente com o apoio significativo das escolas. A escola é considerada por eles um espaço estratégico de legitimação da *posse* e do hip-hop, por ser um ambiente de socialização e educação reconhecidos na comunidade, com o mínimo de espaço físico e infraestrutura necessários para as manifestações da música, da dança e do grafite. Ao se articularem com as escolas¹⁰, os *rappers* ganham prestígio no bairro e um espaço de referência mais ou menos seguro para as suas atividades. A ênfase dos argumentos dos membros da ALPV sempre é dada à ocupação do tempo das crianças e jovens da comunidade com atividades lúdicas. Junto com a prática destas atividades, a ideia é que o momento possibilita a socialização de informações diversas, tornando-as capital de reivindicação de direitos e acesso à cidadania.

Outra forma de atuação em nome do fortalecimento da *posse* foi e é a articulação com entidades do movimento negro e a política partidária, que aparece de modo mais explícito nas entrevistas que realizamos com os membros da ALPV. Eles destacam que tal aproximação se tornou importante para a visibilidade e reconhecimento de suas atuações em esferas mais amplas, para além do bairro. Por volta dos anos de 2002 e 2003, alguns de seus membros se aproximaram e depois se filiaram ao Partido dos Trabalhadores, através de pessoas ligadas a entidades do movimento negro de Aracaju. Pelo menos Mano Sinho e Mano André

afirmam que estiveram envolvidos na campanha política de uma deputada pelo Partido dos Trabalhadores, no ano de 2002. Os dois contam que no início saíam andando pela cidade em busca de informação e de recursos para as atividades da *posse* e que foi deste modo que conheceram pessoas ligadas às entidades do movimento negro, que lhes deram algum tipo de suporte informativo sobre as reivindicações do movimento e também lhes apresentaram à campanha da deputada em questão.

Alguns desses jovens estiveram também envolvidos com entidades de movimentos sociais específicos, como o caso da organização SACI (Sociedade Afro-Sergipana de Estudos e Cidadania), atuante entidade dos movimentos sociais negros no estado de Sergipe nos primeiros anos do século XXI, com sede em Aracaju, que esteve também envolvida com atividades de formação de militantes e muito próxima de partidos considerados de esquerda¹¹. Um pouco mais tarde, é preciso lembrar que a reeleição do Presidente Lula (PT), em 2006, e a eleição de Marcelo Deda (PT) para o Governo de Sergipe no mesmo ano, possibilitaram maior envolvimento dos movimentos sociais do estado com a administração pública e seus recursos, incluindo-se aí o envolvimento de lideranças de organizações do movimento negro. Em parte, talvez isto explique também um salto na mobilização e na visibilidade das atividades da ALPV, que só a partir 2007 e 2008 passou a organizar um número maior de eventos, obtendo mais estrutura para tal, assim como a ocupar espaços importantes na articulação política, ampliando seu envolvimento com outras redes, como a Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN) e a Rede de Jovens do Nordeste, interagindo, na primeira, com a experiência adquirida da militância, e, na última, com a articulação a outros grupos e movimentos sociais de jovens no país¹².

Assim sendo, são duas as principais características das articulações da ALPV, uma local, no bairro em que surgiu, junto às escolas, e a outra, de maior abrangência, através de vínculos construídos com os movi-

mentos sociais e com políticos ligados ao Partido dos Trabalhadores. De certo modo, a estratégia de realização de oficinas, encontros e eventos continuaram marcando um modo de atuação organizada, congregando e promovendo em torno de tais atividades um entendimento sobre os princípios e funções sociais do hip-hop. De uma atuação e de um reconhecimento local, seus representantes passaram a transitar em outros contextos, inclusive de entidades e organizações sociais e políticas regionais, estaduais e nacionais, começando também a promover ações e eventos que ultrapassam a abrangência local.

No ano de 2009, foi realizado o *2º Encontro Hip-Hop Cultura de Rua*. Para os integrantes da ALPV, o evento foi pensado e proposto com a intenção de articular e atender “todo movimento hip-hop sergipano”. O tema do evento, *Fazer e pensar, vivência de cultura de rua*, segundo eles, pretendia “mobilizar e potencializar a Cultura de Rua em Sergipe”. Após esse encontro, outros dois foram realizados no decorrer daquele mesmo ano, segundo os entrevistados, contando com apoio de políticos, do governo e de organizações não governamentais. O *3º Encontro* foi realizado no Conjunto Marcos Freire III, bairro localizado entre as cidades de Aracaju e Nossa Senhora do Socorro. O *4º Encontro* retornou ao bairro Industrial, local em que surgiu a *posse* e onde sua atuação continuava expressiva. A ALPV realizou ainda o *5º*, o *6º* e o *7º Encontro Hip-Hop Cultura de Rua*, ampliando cada vez mais suas atividades em um número maior de dias de encontro e em locais alternados. O significativo destes últimos três é que ocorreram próximos ao período e ao ano eleitoral, demonstrando a estreita relação entre a proliferação dos eventos e a aproximação da *posse* com a política e os processos eleitorais.

Algumas formas de atuação passaram de uma conotação mais particular para outras mais ampliadas e transversais, que tornaram o reconhecimento das lideranças da ALPV mais visíveis no cenário do hip-hop e

também num contexto social e político mais amplo. Mano Sinho relata, por exemplo, que a partir do *5º Encontro Hip-Hop Cultura de Rua*, a ALPV passou a incluir no seu evento um fórum de debates voltados para questões da juventude. Ao mesmo tempo em que o debate sobre juventude passou a ser reivindicado como importante para a *posse*, às motivações e os temas deixaram de ser locais e passaram a estar relacionados de forma mais geral a exclusão social, a falta de oportunidades, a falta de políticas de inserção, as questões de gênero, ao debate racial, as ações afirmativas, as doenças sexualmente transmissíveis, as drogas, entre outros, num nível de abrangência territorial cada vez maior.

Mano Sinho acrescenta que, recentemente, por interferência de uma vereadora do Partido dos Trabalhadores, foi convidado para compor uma mesa na Câmara de Vereadores, na sessão do Dia Nacional da Juventude e outra vez no Dia Nacional das Favelas, no ano de 2009, salientado a correlação entre os dois temas e a articulação de ambos com o hip-hop. Ainda destacando as relações com o gabinete da mesma vereadora, diz que a ALPV envolveu-se na organização, na mobilização e na participação do Fórum Social Estadual da Juventude, ocorrido no mês de abril 2011, em Aracaju, com o apoio do mesmo gabinete. Nos últimos anos, esta articulação entre a ALPV e a política foi se estreitando ainda mais. O gabinete da vereadora passou a ser um espaço de reuniões e de possibilidade de acesso à infraestrutura de comunicação e a outros recursos materiais. Mano Sinho, Mano André e Mano Júnior também destacam o apoio da vereadora aos eventos e às atividades culturais realizados pela *posse*, bem como consideram relevante os compromissos da vereadora com a população negra, com a juventude e com a periferia, que por sua vez formam também o tripé das categorias que a ALPV diz representar¹³.

Família ativista: movimento cultural e político

No caso da Família Ativista, quando a contrastamos com a ALPV, encontramos aproximações e distanciamentos analiticamente interessantes. Algumas formas de atuação, como a realização de eventos e o envolvimento partidário estão presentes em ambos os casos, mas a ênfase dada as suas trajetórias de constituição e as diferenças entre os arranjos políticos, apontam para necessidade mais detida de análise sobre suas diferenças, com o intuito de reconhecermos outros caminhos trilhados e outros sentidos construídos sobre o hip-hop e a *posse*, em Sergipe.

Diferentes autores (Herschmann, 2005; Félix, 2005; Costa & Menezes, 2009) têm demonstrado que muitos dos jovens ligados às expressões do hip-hop observam e falam da violência urbana, da falta de emprego, da falta de possibilidades de lazer e de problemas que envolvem a escola ou a ausência dela, assim como também expressam seu sentimento pela situação de escassez no acesso aos bens de consumo, inclusive os de subsistência. No entanto, é cada vez mais comum que também estes jovens tenham acesso ao mundo da informação cultural em escalas mais amplas, por meio do rádio, da televisão, da internet, da escola e dos meios eletrônicos de comunicação pessoal (Hopenhayn, 2004). Em tais contextos, têm-se efetivado muitas possibilidades de intercâmbio entre as experiências comuns de diferentes territórios periféricos e por aí se articulam redes de atuação social face a face, ou redes virtuais de comunicação (como no caso das redes sociais na web). Atualmente, este tipo de acesso à informação e de conexão entre as pessoas é cada vez mais possível pela proliferação das possibilidades de uso de aparelhos eletrônicos, como, por exemplo: computadores, telefones celulares, mp3, entre outros, que se tornam mecanismos multiplicadores das ideias, do consumo da produção artística do hip-hop e das possibilidades de mobilização cultural e política com as quais os jovens das periferias se expressam, conectam-se e comunicam-se¹⁴.

Alguns jovens ligados ao hip-hop passaram a ocupar certo protagonismo na difusão de suas expressões artísticas, às vezes restritos a uma rede de contatos, mas outras vezes alcançando canais mais amplos de difusão. Alguns acabaram por chegar ao grande público do rádio ou a televisão fechada ou aberta, ou mesmo difundiram seus trabalhos através de grandes gravadoras e distribuidoras. Outros são conhecidos no circuito mais restrito de uma tendência ou outra do hip-hop, mesmo com trabalhos elaborados em estúdios caseiros, enquanto outros sequer chegaram a ocupar espaços regulares na mídia ou fora dela. Em Sergipe, Ganso, também conhecido como Hot Black, passou a apresentar o programa *Império Suburbano*, na Rádio Aperipê, e o programa *Periferia* na TV Aperipê, em meados de 2007, tornando-se o único *rapper* a comandar programas no rádio e na televisão pública aberta do estado de Sergipe, com um enfoque voltado para as expressões do hip-hop, a semelhança do que já vinha ocorrendo em outros estados nas redes públicas de tevê e rádio¹⁵. Hot Black¹⁶ é também um dos criadores da *posse* Família Ativista, que, segundo ele, surgiu por volta do ano de 2001, no bairro Porto Dantas. A *posse* é hoje também denominada de *coletivo*¹⁷ e está ligada à Nação Hip-Hop Brasil¹⁸, entidade que atua como uma organização seccionada em vários estados e cidades do país e que reúne pessoas e grupos ligados ao hip-hop. Desde o ano de 2004, esta articulação nacional transformou a *posse* Família Ativista também em Nação Hip-Hop Sergipe.

Segundo o MC Lúcio, integrante da Família Ativista, esta é formada por grupos de rap, de *break* e *crews* de grafite. Fazem parte, entre outros, os grupos: Mensagem Negra, Família Mil Graus, Somarias, DConduta, Irmãos de Rjua e THC *Crew* (MC Lúcio, 9 jun. 2001). Basicamente, os componentes da Família Ativista são jovens provenientes da periferia de Aracaju, mas incluem a articulação com alguns grupos de hip-hop de outras cidades do Estado. Estes jovens relatam diferentes adversidades através de suas histórias de vida, apontando o que consideram o con-

vívio com problemas de ordem social e econômica, bem como sua superação. Por exemplo, MC Lúcio diz que aos 2 anos de idade seus pais se separaram e sua mãe foi morar na periferia, no Conjunto João Alves (região metropolitana de Aracaju). Segundo ele: “Uma coisa que é muito importante de ressaltar é, assim, a vitória. Vitória, porque eu estou com 27 anos e a minha mãe que me criou com muito esforço, trabalhando sempre pra tentar me criar, pra tentar me colocar em colégio particular, pra tentar me dar educação, pra tentar me tirar das coisas negativas da vida” (MC Lúcio, 9 jun. 2011).

Para o MC Lucio, que atualmente é professor de Educação Física, o envolvimento desde muito cedo com o hip-hop possibilitou-lhe um outro rumo na vida, distante da criminalidade, e agora, segundo ele, procura reproduzir tais possibilidades a outros jovens da periferia.

MC Hot Black, o Ganso, ao ser questionado sobre as influências do hip-hop na sua vida, diz que foi a partir de seu envolvimento com o estilo que passou a reconhecer-se como “jovem negro e de periferia” (MC Hot Black, 13 jun. 2011). Ciente da marginalização social que isto implica, afirma que o hip-hop é uma das ferramentas mais rápidas de ação política para os jovens que enfrentam situações semelhantes. Para ele, através do hip-hop é possível expor sentimentos, sensações, aspirações de mudança, e assim, atuar e fazer parte do espaço social, econômico, cultural e político a que se pertence, sendo protagonista da sua própria história de vida, “sem a interferência do conhecimento do ‘Doutor’” (MC Hot Black, 13 jun. 2011).

Para Hot Black, a *posse* Família Ativista é o “carro-chefe” de onde saem o que ele denomina como “comandos de ação” ou os direcionamentos mais gerais sobre a atuação dos grupos e pessoas ligados a ela. A ideia é que unindo forças em torno da *posse*, eles possam atuar através da metodologia que definem de “cultural”, e na qual dizem se basear para desenvolver seus projetos sociais em comunidades periféricas. Os

projetos Grito da Periferia, Sintonia Periférica, Nós no Centro e Rua do Turista envolvem lazer, divulgação, formação artística e política, além de difusão e popularização do hip-hop (MC Hot Black, 13 jun. 2011).

O líder da Família Ativista diz que o projeto Grito da Periferia consiste no desenvolvimento de atividades culturais, de oficinas e debates em bairros empobrecidos e marginalizados. Hot Black (13 jun. 2011) relata que o projeto já aconteceu nos bairros: Bugio, São Carlos, Santa Maria e Santos Dumont, todos situados na Zona Norte e Oeste da cidade de Aracaju e com altos índices de pobreza, uso de drogas, violência e com deficitária assistência do poder público no tocante às áreas de lazer para juventude. Outro projeto, também executado nos bairros acima, denominado Sintonia Periférica, é desenvolvido através de atividades culturais, seguindo a metodologia de: 1. Apresentação; 2. Oficina de intervenção de grafite (no espaço público); 3. Oficina de intervenção artística; e 4. Atividade de discussões (políticas), como processo de formação no hip-hop. Outro projeto da *posse*, o Nós no Centro, como relatam os líderes da Família Ativista, teve como objetivo apresentar os quatro elementos da cultura hip-hop no calçadão central de Aracaju, com a proposta de divulgar e conquistar mais jovens para o universo da cultura hip-hop. Sobre o recente projeto na Rua do Turista, que foi desenvolvido no mês de maio de 2011, constando de “batalhas entre MC’s”, os organizadores ressaltam a importância do aspecto lúdico e educativo de uma “batalha de MC’s”, argumentando que esta atividade valoriza as rimas improvisadas, lembrando, segundo eles, um costume muito presente no Estado de Sergipe, que faria a batalha de MC’s parecer em muito com o desafio dos violeiros do sertão. (MC Lúcio, 9 jun. 2011).

Nos projetos acima mencionados, a prática do hip-hop e a atuação política se confundem de forma sistemática, como já vimos anteriormente, embora, pelo menos no modo de expor suas trajetórias, os membros da Família Ativista sejam mais enfáticos na ideia de que representam à

periferia, atuando na promoção das atividades artísticas dentro e fora dela, como dizem os nomes dos projetos Grito da Periferia, Sintonia Periférica e Nós no Centro, mas também a forma com a qual acabam por ser difundidos através dos programas de rádio e tevê, apresentados por Hot Black, o Império Suburbano e o Periferia. A divulgação, o reconhecimento de seus projetos e a visibilidade ao hip-hop passam, neste caso, pela exposição dos grupos ligados à *posse* em áreas do Centro da Capital, bem como através do uso de veículos de comunicação que acabam por atingir outras cidades de Sergipe.

É interessante observarmos que tanto a ALPV quanto a Família Ativista mencionam atuar em nome do hip-hop produzido em Sergipe, como que disputando certa hegemonia desta representatividade. Enquanto a noção de periferia é insistentemente mais lembrada pela Família Ativista, a noção de juventude esteve mais presente nas falas da ALPV. Não que ambas não deem importância a outros conceitos mutuamente presentes no cenário do hip-hop, mas tais ênfases demonstram estratégias sutilmente distintas. Enquanto a Família Ativista ressalta a sua atuação com projetos de oficinas e eventos articulados ao uso da comunicação social, a ALPV também o faz, mas através da ideia de articulação com as escolas e movimentos sociais. De qualquer modo, ambos reforçaram a ênfase na relação entre hip-hop e política, no ativismo do movimento relacionado à produção artística, assim como ambas estiveram e estão envolvidas com partidos políticos e em alguma medida com organizações do movimento negro.

O MC Hot Black entende a atividade política como fundamental no processo de formação do jovem, seja este, membro ou não, do movimento hip-hop. Diz ele que a política “é uma coisa programática, é a ação da transformação, é o poder do diálogo entre as pessoas” (MC Hot Black, 13 jun. 2011), diálogo que tem como base os quatro elementos do hip-hop como alternativa de vida para juventude. Portanto, entende

que o movimento hip-hop é mais do que expressão artística e sim uma ação política que busca a possibilidade de intervenção direta nos espaços comunitários onde vivem.

A política é algo que pode, deve e transforma. Tanto é que a gente vive cotidianamente tentando fazer parte dela. Ser uma peça que possa transformá-la, que possa agregar pra ela uma nova visão e colocá-la ao serviço da gente. Porque eu acho interessante que a política é uma arma que sempre teve apontada pros caras da quebrada, então é uma arma que as pessoas sempre viu (*sic*) como uma arma que tava apontada pra você, mais o que faltava e o que hoje tem sido feito é a sagacidade de pegar essa arma e apontar pro lado contrário, e dizer, “Ei! Essa arma também é minha, vamos encontrar outra mira”. E quem é essa mira? A mira é o opressor, é um sistema capitalista, é um sistema que restringe. Esse sistema, enquanto existir, a gente tem sociedade de classes e essas classes a gente vai denominar entre negros, minorias, travestis, gays, pretos pobres e tal. Enquanto quem comanda a parte mais gostosa do bolo é como classe média, classe alta, classe A, a gente tem nas letras do alfabeto as classes mais inferiores. Se a gente não compreende isso, também, a gente acaba sendo massa de manobra dentro desse universo. Ser massa de manobra é uma coisa cultural pra gente, mas se a gente não tomar a rédea da História a gente não domina a cena. Acho que é a hora da gente usar a máxima que “é tudo nosso”, tem que ser nosso também a política. Então, tem que tomar também essa parada, num bom sentido. Tomar o conhecimento dela, fazer com que ela seja espaço nosso, também. Então, pra mim, política é essa possibilidade de transformação. (MC Hot Black, 13 jun. 2011)

Vivenciar o hip-hop, para esta linha de raciocínio, é a possibilidade de participação contínua dos jovens nos eventos culturais promovidos pelos grupos, *posses* e *coletivos*, bem como de difusão e divulgação do

rap, do grafite e da dança de rua como formas pedagógicas de expressão estética e de debate e atuação política. Neste sentido, algumas formas de entendimento sobre tal atuação passam pela convicção de que uma das estratégias, tão possível quanto necessária, passa pela filiação ou pelo vínculo partidário. O MC Hot Black justifica que em determinados momentos é fundamental o envolvimento com a militância, como ferramenta para o amadurecimento político, tanto para compreensão de si próprio, quanto para compreensão de seu entorno socioeconômico.

A importância da participação política para esses jovens é citada por eles mesmos como um passo a mais dentro desse processo de construção, fortalecimento e transformação, tanto individual quanto das comunidades periféricas onde a cultura hip-hop é desenvolvida. Por um lado, por meio dos projetos socioculturais há um maior envolvimento e um melhor entendimento sobre a política, e por outro lado, há uma politização do hip-hop por meio do aprendizado partidário, como enfatiza o MC Hot Black, descrevendo sua filiação partidária.

Eu, sim, enquanto Anderson Passos, sou filiado ao Partido Comunista do Brasil, que foi aquela ideia de como eu compreendi a orientação política do partido para poder me colocar dentro dele. Tinha aproximação com outros partidos, mas acredito que na hora que foi necessário entender um pouco mais onde eu poderia me encaixar, a legenda do PCdoB, foi a legenda que eu mais me senti confortável. Embora colaborando, contribuindo, divergindo, porque eu acho que o processo político é você debater ideias constantemente, porém, é, até então, onde eu me sinto confortável de tá ligadamente a um setor político. (MC Hot Black, 13 jun. 2011)

Coincidentemente ou não, MC Hot Black já estava no PCdoB quando foi convidado para apresentar seus programas na rádio e na televisão estatal de Sergipe, a Rede Aperipê, no mesmo ano em que o partido

passou a ocupar cargos políticos importantes no governo. O hip-hop ganhou cada vez mais visibilidade e reconhecimento público nos últimos dez anos, em Sergipe, mesmo período de criação e atuação da ALPV e da Família Ativista, demonstrando uma articulação entre a juventude ligada a tal estilo de vida e certo contexto político-partidário de vitórias eleitorais significativas do PT e do PCdoB, na Capital e no estado¹⁹.

A instrumentalização da política partidária; a participação nos projetos socioculturais; o compromisso com a comunidade onde moram e atuam; e a difusão do hip-hop. Todos estes elementos estiveram constantemente presentes nas falas dos entrevistados, como que manifestando um anseio de se tornarem os protagonistas de suas trajetórias de vida. Tais aspectos demonstram um entendimento sobre a ausência do Estado no tocante à ineficácia em direcionar políticas que contemplem as comunidades economicamente empobrecidas e sem infraestrutura. Nossos entrevistados dizem que tanto entendem quanto sentem cotidianamente essa ausência, que justificam ser um estímulo à sua ação crítica, ao engajamento social e à contestação do poder. Com o envolvimento partidário eles dizem abrir um universo de possibilidades de reconhecimento social e de acesso às instituições públicas e organizações sociais não governamentais. No caso da *posse* Família Ativista e da ALPV, o hip-hop é por isto mesmo um movimento tanto cultural quanto político.

Considerações finais

Embora tenhamos demonstrado que parece comum que a *posse* seja uma forma de organização coletiva do hip-hop, articulada a movimentos sociais ou a partidos políticos, como estratégias de mobilização de recursos simbólicos e de infraestrutura, não queremos afirmar que toda *posse* tem as mesmas características, já que para isto precisaríamos de

um estudo geograficamente mais amplo. Estas considerações finais se aplicam aos casos mencionados e sugerem que esta é uma particularidade comum deste tipo de organização, em que os jovens parecem estar no protagonismo da articulação, da atitude e da expressão de suas ideias. De qualquer modo, também é importante destacar que no caso das *posses* estudadas, são dois partidos que aparecem polarizando a articulação com o hip-hop. O Partido dos Trabalhadores e o Partido Comunista do Brasil são, até então, as instituições políticas de acolhimento das propostas do hip-hop, o que não significa uma relação de obediência partidária, mas de certa cumplicidade e reciprocidade sobre o uso estratégico deste tipo de aproximação, para ambos os lados.

Trata-se aí de uma aliança que parece também se apoiar numa homologia, já que, no campo da política, o PT, assim como alguns outros partidos que se apresentam mais à esquerda no espectro político, oferece, como um dos seus produtos políticos, referências identitárias associadas aos trabalhadores, aos pobres, aos grupos étnicos minoritários que vão ao encontro das identificações acionadas pelos membros do hip-hop. (Moreno & Almeida, 2009, p. 66).

No caso da ALPV, há uma articulação mais efetiva com uma vereadora e uma deputada do PT, e a convicção de entendimentos políticos e afinidades sociais comuns em torno das questões e demandas das populações negras, das juventudes e das periferias urbanas – embora tal articulação não configure um vínculo formal. Já no caso da Família Ativista, segundo o MC Lúcio, não existe nada de diretivo, apenas uma aproximação através da Nação Hip-Hop Brasil e com um determinado partido político, mas nada de forma legal ou burocrática, apesar do MC Hot Black, liderança da mesma *posse*, afirmar seu longo vínculo de filiação partidária ao PCdoB, mesmo que ele também justifique que o coletivo do qual faz parte é suprapartidário.

Em ambos os casos, para os jovens envolvidos nas *posses* em questão, esta articulação com a política fez aumentar o número de participantes e crescer o seu prestígio como grupo em meio ao espaço de atuação do hip-hop, em Sergipe; assim como possibilitou um maior reconhecimento desses jovens no espaço público diante de outros movimentos sociais e dos partidos políticos já mencionados. Para os políticos profissionais afinados com as *posses*, estas passaram a ser entendidas como formas de organização associativas com potencialidades de ampliação de sua articulação junto à juventude dos bairros pobres da cidade (Moreno & Almeida, 2009, p. 66).

Além das relações partidárias, algumas *posses* estão articuladas às redes, aos fóruns e aos eventos que envolvem socialmente diferentes formas de atuação política e plataformas de reivindicação a partir de estratégias de organização das juventudes no país. São grupos de jovens que reivindicam direitos, reconhecimento e cidadania, a partir de uma multiplicidade de critérios, mas, nestes casos, fundamentalmente baseados em estilos de vida específicos, como é também o caso da juventude ligada ao *reggae*, ao rock, ao punk, ao “movimento bicicletada”, aos “skatistas”, aos “surfistas”, entre outros, que merecem estudos a parte sobre suas práticas, sentidos e facetas de reivindicação e atuação política²⁰. O hip-hop, como qualquer outra expressão cultural associada aos estilos de vidas, pode ou não ter entre seus praticantes ligações com movimentos sociais e com a política partidária, apesar de ser recorrente, em suas formas de expressão artísticas e discursivas, a ideia de contestação à ordem social. De algum modo, a *posse* torna-se o meio pelo qual se organizam as redes de contato, se fortalecem as noções de “movimento” e de “cultura” hip-hop, possibilitam-se a realização de atividades artísticas e se estabelecem canais de comunicação e prestígio junto à sociedade e ao poder público.

Por fim, se estamos diante de um contexto de agenciamento e de recrutamento político, precisamos destacar que neste caso a linha é tênue e que os praticantes do hip-hop, quando ligados a uma *posse*, atuam num

cenário em que o estilo de vida e a atuação política se confundem. Mesmo que se definam as hierarquias e as atividades de envolvimento desses jovens no âmbito da organização da *posse* ou da militância política, ela estará implicada por condições múltiplas de prestígio e habilidades adquiridas mutuamente tanto num quanto noutra espaço de atuação. Os jovens envolvidos com as *posses* podem tanto ser visados pela política partidária quanto visá-la como meio de ganhar visibilidade, acessar recursos e participar efetivamente dos debates e dos poderes decisórios.

Notas

- ¹ Doutor em Antropologia Social. Professor nos programas de pós-graduação em Sociologia e em Antropologia, da Universidade Federal de Sergipe, coordenador do grupo de pesquisas no diretório do CNPq: Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas. Contato: marconfrank@hotmail.com
- ² Mestre em Sociologia e membro do Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas.
- ³ Não sem considerar a larga literatura sobre “estilo de vida”, que passa por George Simmel, Pierre Bourdieu, Mike Featherstone, entre outros, usamos aqui a expressão no sentido analítico mais articulado aos Estudos Culturais, para definir hábitos e rotinas cotidianas de expressão e de consumo mais ou menos semelhantes praticados temporariamente e circunstancialmente por pessoas que compartilham simbolicamente algumas experiências, gostos, modos de vida e seus sentidos, mesmo sem manterem necessariamente quaisquer vínculos associativos entre elas, ou mesmo sem estarem determinados por uma caracterização exclusiva de classe, de etnia ou gênero. No caso específico aqui estudado, abordamos tal questão pelo viés dos estilos de vida juvenis associados aos gostos musicais, como já foi exaustivamente explorado por Bennet (1999), Hebdige (2004), e sugeridos em outros trabalhos organizados por Stuart Hall, como em Hall & Tony (1976). É importante salientar também que a noção de estilo está presente no entendimento usual do meio hip-hop e do comportamento juvenil, associado geralmente ao gosto musical e aos usos de certas indumentárias, espaços de encontro e consumo e formas de agir.

- ⁴ O entendimento sobre a ideia de “movimento” hip-hop ou “cultura” hip-hop é polêmico entre as diferentes *posses*, como veremos adiante.
- ⁵ O jovem MC Lúcio, que enfatiza sempre ter vivido na periferia, prefere conceituá-la de uma forma que ultrapasse as limitações geográficas que lhe são impostas, carregadas de preconceito, colocando-a como se não fizesse parte da cidade. Fato que para ele é algo que já discrimina e desrespeita este território e as famílias que lá convivem. Para ele, periferia é uma forma de se ver e de se viver num espaço social da cidade em que o acesso às necessidades básicas de subsistência são limitadas. (MC Lúcio, 9 jun. 2011)
- ⁶ O antropólogo João Felix (2005, p. 80) diz que é na *posse* que quaisquer participantes dos quatro elementos do hip-hop fazem suas reflexões políticas e ideológicas. Falando também de como surgiu esta forma de organização nos EUA, dos anos 1970, o autor diz que a ideia de *posse* é o que reúne os praticantes dos quatro elementos do hip-hop, como articulação entre estas diferentes manifestações. Para ele, foi com “Áfrika Bambaataa” que surgiu a primeira *posse*, a “Zulu Nation”, com a meta de transformar as rixas e os conflitos violentos que ocorriam entre grupos de jovens da periferia em disputas de música, dança e pintura, de certa forma também criando a integração destas práticas num mesmo espaço, embora isto não signifique que uma *posse* necessariamente tenha uma sede. A *posse* estaria mais para a percepção desta ideia de integração dos elementos do hip-hop e de uma reflexão e atuação política.
- ⁷ Também segundo o MC Hot Black (13 jun. 2011), sobre este outro elemento, quando estava “conversando recentemente com Milton Sales, inclusive até um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores e responsável pela principal consciência política dos Racionais MC, falando que quando constituiu o que seria hoje o NH2O, ele colocou para sociedade supostamente esse quinto elemento do hip-hop (intelecto/informação)”. Tal elemento estaria diretamente envolvido com uma autoconsciência sobre a necessidade de envolvimento e de atuação na cena política.
- ⁸ União de dois ou mais grupos para fortalecer o movimento cultural hip-hop.
- ⁹ Rap/ritmo e poesia ou revolução através das palavras; DJ/disc. jóquei; *Break*/dança dos b. *boys* e b. *girls*; Grafite/arte plástica de rua.
- ¹⁰ Esse processo é tão fortalecido pelo hip-hop que, atualmente, esses jovens *rappers* são contratados pelos projetos escolares que recebem verba do Governo Federal. Com o projeto Mais Educação, em que o grafiteiro Craz, lecionou grafite, e Mano Sinho lecionou *break* para os alunos da Escola Estadual José Alves do Nascimento no bairro coqueiral, periferia de Aracaju, onde a ALPV desenvolve projetos sociais.

- ¹¹ Alguns estudiosos do hip-hop apontam para o fato de no Brasil foram comuns tais articulações com partidos como o PT, o PCdoB e o PSTU, por exemplo, além da relação com organizações dos movimentos sociais negros. (Félix, 2005; Moreno & Almeida, 2009b; e Stoppa, 2005; entre outros)
- ¹² Sobre a atuação da ALPV em alguns eventos relacionados à mobilização da juventude no estado de Sergipe, entre 2010 e 2011, ver o blog <http://alpv-se.blogspot.com/> Destaque para a informação sobre a participação da ALPV no I Fórum Social Estadual da Juventude, que ocorreu em abril de 2011. A ALPV também está articulada à organização não governamental Rede de Educação Cidadã (RECID).
- ¹³ Recentemente, no ano de 2012, a ALPV participou também como organizadora do evento Fórum Nacional de Hip-hop, em Aracaju, articulado por políticos e militantes do PT, visando, segundo eles, dialogar com a candidatura do prefeito e de vice-prefeito para Aracaju, pela coligação do partido. O evento teria sido uma oportunidade para expor as demandas do movimento.
- Mano Sinho em um discurso político que enfatizou a história da ALPV e a atuação da posse nas comunidades periféricas de Aracaju, ressaltou que aquele momento era de grande relevância porque o movimento estaria entregando um documento com propostas políticas que representam os anseios do movimento hip-hop sergipano.
- ¹⁴ Cf. As considerações dos estudos sobre juventude na Ibero-América, sobre as facilidades contemporâneas que as juventudes têm para acessar informações, e as implicações paradoxais destas facilidades, por isto implicar ao mesmo tempo escassez no acesso aos recursos materiais e de poder. (Hopenhayn, 2004).
- ¹⁵ Hot Black diz que foi através de um projeto da entidade Nação Hip-Hop Brasil que as tevês e rádios públicas dos estados começaram a dar espaço para programas com o mesmo perfil daqueles que ele apresenta. Cf. <http://site.aperipe.com.br/programas/aperipe-tv/periferia/>. Acesso em 7 jun. 2011.
- ¹⁶ Faz parte da atual direção executiva da Nação Hip-Hop Brasil, ocupando o cargo de Secretário de Esporte e Lazer. A atual direção foi eleita no ano de 2011. Cf. http://www.vermelho.org.br/rs/noticia.php?id_noticia=150101&id_secao=113 Acesso em 7 jun. 2011
- ¹⁷ Os jovens da Família Ativista distinguem as denominações *posse* de *coletivo* no hip-hop. Para eles *posse* é uma organização que se define como formada por indivíduos ou grupos que têm diretrizes em comum dentro de uma perspectiva *local* ou *regional*; e *coletivo* define uma formação de sujeitos ou grupos com uma atuação em rede, numa perspectiva *nacional* ou *global*.

- ¹⁸ Mais sobre, ver: <http://nacaohhbrasil.blogspot.com/>
- ¹⁹ A aliança política entre PT e PCdoB, elegeu o prefeito e o vice-prefeito de Aracaju nos anos de 2000 e de 2004, e o governador do estado de Sergipe nos anos de 2006 e de 2010.
- ²⁰ Referimo-nos a estes exemplos como possíveis evidências de que em Sergipe alguns jovens têm atuado politicamente em nome de tais expressões e seus grupos. O que ainda merece investigações cuidadosas, mas já nos permite supor tal envolvimento, é a observação de alguma mobilização neste sentido, inclusive a partir da articulação destes com alguns partidos políticos.

Entrevistas

- Mano André, realizada por Florival de Souza Filho e Frank Marcon, em Aracaju, 29 mar. 2011.
- Mano André, realizada por Florival de Souza Filho, em Aracaju, 14 abr. 2011.
- Mano Junior, realizada por Florival de Souza Filho e Frank Marcon, em Aracaju, 29 mar. 2011.
- Mano Junior, realizada por Florival de Souza Filho, em Aracaju, 14 abr. 2011.
- Mano Sinho, realizada por Florival de Souza Filho e Frank Marcon, em Aracaju, 29 mar. 011.
- Mano Sinho, realizada por Florival de Souza Filho, em Aracaju, 14 abr. 2011.
- MC Hot Black, realizada por Priscila Pontes e Frank Marcon, em Aracaju, 2 jun. 2008.
- MC Hot Black, realizada por Florival de Souza Filho, em Aracaju, 13 jun. 2011.
- MC Lúcio, realizada por Florival de Souza Filho, em Aracaju, 9 jun. 2011.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Elaine Nunes de Andrade
1999 “Hip-Hop: movimento negro juvenil”. In: _____. (Org.). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo, Summus, p. 83-91.
- ABRAMO, Helena Wendel
1997 “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 e n. 6 Set/Out/Nov/Dez 1997. (Acessado em 25 de maio de 2011, no endereço <http://>

www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde05_6/rbde_05_6_05_helena_wendel_abramo.pdf).

ABRAMOVAY, Miriam *et alli*.

2002 *Gangues, galeras, chegados e rappers*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro, Garamond, p. 200.

BENETT, Andy

1999 “Subcultures or Neo-Tribes? Rethinking the Relationship between Youth, Style and Musical Taste”. In *Sociology*. n. 33, August, pp 599-617. (On-line <http://soc.sagepub.com/content/33/3/599>)

BENNET, Andy

2008 “Towards a cultural sociology of popular music”. In *Journal of Sociology* The Australian Sociological Association, 2008, Volume 44(4), pp. 419–432. DOI:10.1177/1440783308097130 (On-line <http://www.sagepublications.com>).

CONTADOR, Antonio Concorda

1997 *Ritmo & Poesia: os caminhos do Rap*. Lisboa, Assírio Alvim, p. 261.

COSTA, Mônica Rodrigues e MENEZES, Jaileila de Araújo

2009 “Os territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop”. In *Revista Em Pauta*, v. 6, n. 24, dez.

FEATHERSTONE, Mike

1995 *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo, Studio Nobel, p. 223.

FELIX, João Batista de Jesus

2005 *Hip Hop: cultura e política no contexto paulistano*. São Paulo, tese, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. (Acesso em 25 de maio de 2011, pdf disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01052006-181824/pt-br.php>).

HALL, Stuart & TONY, Jefferson (orgs.)

1976 *Resistance through Rituals*. Londres, Hutchinson, p. 288.

HEBDIGE, Dick

1987 *Cut 'n' Mix: Culture, identity and Caribbean music*. London and New York, Routledge, p. 195.

- HEBDIGE, Dick
2004 *Subcultura: El significado del estilo*. Barcelona, Buenos Aires, México, Paidós, p. 259.
- HERSCHMANN, Micael
2005 *O funk e o hip-hop invadem a cena*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, p. 302.
- HOPENHAYN, Martin (coord)
2004 *La juventud en Iberoamérica. Tendencias y urgencia*. CEPAL/Nações Unidas, Santiago.
- MAFESSOLI, Michel
1987 *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, p. 232.
- MORENO, Rosangela Carrilo & ALMEIDA, Ana Maria F.
2009a “O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop”. In *Revista Brasileira de Educação*. v. 14, n. 40, jan/abr.
- MORENO, Rosangela Carrilo & ALMEIDA, Ana Maria F.
2009b “‘Isso é política, meu!’ Socialização militante e institucionalização dos movimentos sociais”. In *Pro-Posições*. Campinas, v. 20, n. 2 (59), maio/ago., pp. 59-76.
- PAIS, José Machado
2003 *Culturas Juvenis*. Lisboa, Editora Nacional e Casa da Moeda, 2ª ed., p. 425.
- REGUILLO, Rossana.
2007 “Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión”. In: FÁVERO, Osmar *et alli*. *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília, UNESCO/MEC/ANPed., p. 284. (Coleção Educação para Todos; 16).
- STOPPA, Edmur Antonio
2005 “*Tá ligado mano*”: *o hip-hop como lazer e busca da cidadania*. Campinas, tese, Unicamp, p. 142.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo
2004 *Relatório de desenvolvimento Juvenil 2003*. Brasília, UNESCO, p. 200.

WEBER, Max

2004 *Economia e Sociedade. Fundamentos da sociologia compreensiva.* São Paulo, Ed.UnB, v. 1, p. 464.

ABSTRACT: In this article we intend to examine the relations existing between forms of cultural expression of youngsters related to hip-hop and the political activity of some of them in the collective articulation of the so-called *posses*. We think that is relatively recent political participation of youngsters related to this type of cultural movement in the political scene and we are interested on understanding how this happens. Who are those protagonists? Which are the forms and priorities of articulation? As well, we demonstrate how some youth cultural expressions are becoming a feature of the youth protagonism emphasise in contemporary Brazil. The research was accomplished with emphasis on the participant observation of hip-hop collectives, along with interviews with some of the youngsters belonging to *posses* involved with political parties.

KEYWORDS: Youth, Hip-hop, politics, Cultural Expressions, *Posse*.

Recebido em dezembro de 2012. Aceito em agosto de 2013